



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

PAULO EDUARDO MARQUES ASSUNÇÃO

RETRATO DE FAMÍLIA
Memória do livro fotográfico

SALVADOR
2019.2

PAULO EDUARDO MARQUES ASSUNÇÃO

RETRATO DE FAMÍLIA

Memória do livro fotográfico

**Memória do trabalho de conclusão de curso de
graduação em Comunicação com Habilitação em
Jornalismo, Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia.**

Orientação: Rodrigo Rossoni

SALVADOR

2019.2

AGRADECIMENTOS

Às famílias que foram fotografadas, que compartilharam comigo o interesse por este projeto.

Ao Labfoto, onde me formei fotógrafo.

Às minhas amigas Gabrielle Guido e Mallu Silva.

Ao meu amigo e orientador Rodrigo Rossoni.

RESUMO

Este trabalho é a memória descritiva do projeto Retrato de Família, que tem como produto um livro fotográfico que reúne retratos de nove famílias.

A proposta do livro é apresentar imagens de pessoas em diferentes arranjos familiares, que contrariam a definição tradicional de que um lar só pode ser formado por pai, mãe e filho.

Este trabalho nasce em um momento de ascensão conservadora nos comandos do país, em que há grande esforço para recuperar valores do passado, questionando constantemente as relações pessoais de vários grupos, principalmente relações homoafetivas.

O fotolivro procura evidenciar em retratos o afeto entre as pessoas e a legitimidade de todas as formações familiares.

Palavras-chave: 1. Fotografia 2. Retrato 3. Família - Brasil

SUMÁRIO

Introdução

1. Famílias: disputas e (in)definições	5
2.1 Por que fazer retratos de família	8
2.2. Os retratos e a História	13
3. Retrato de Família: uma construção	18
3.1 Escolhas e diálogos com as famílias	23
3.2. No estúdio	24
3.3. Seleção e tratamento	26
4. O Fotolivro	26
4.1. Sequência de páginas, texto e diagramação	27
5. Considerações finais	29
6. Referências	30

Introdução

Este trabalho é um memorial descritivo dos processos para a composição do fotolivro Retrato de Família. O projeto foi construído pela soma de dois desejos: o de um fotógrafo que queria fazer retratos e o de famílias que queriam ser fotografadas.

O objetivo foi trabalhar com uma das modalidades mais clássicas da fotografia, o retrato de família. Contudo, em vez do habitual conjunto pai, mãe e filho, o projeto busca apresentar outros arranjos, como mãe solo, relações homoafetivas, avó e neta, irmãos que por diversas circunstâncias se afastaram dos pais, entre outras possibilidades. Tudo isso em um momento de embates entre forças da sociedade que entendem de formas diferentes o conceito de Família.

De acordo com os dados oficiais do último censo realizado pelo IBGE, em 2017, 57,7% dos lares brasileiros atualmente são compostos por uma formação diferente do arranjo pai, mãe e filho. Retrato de Família adentra nessa nova realidade para apresentar essas novas constituições familiares.

Ao longo do tempo, vários fotógrafos desenvolveram trabalhos com famílias, ora para preservação da memória, ora com um cunho político, evidenciando que aquelas relações pessoais conseguem de algumas formas explicar as tensões do mundo. É nessa perspectiva que me apresento como fotógrafo.

Eu nasci e cresci em Paramirim, uma cidade pequena do sertão baiano, numa família sem câmeras nem fotógrafos. Da minha infância, tenho algumas fotos guardadas de um aniversário na escola, uma imagem ao lado de Papai Noel e outra com o Coelho da Páscoa, além de uma quantidade grande de participações em eventos religiosos: primeira comunhão na igreja católica, batizado, casamentos de familiares e viagens a Bom Jesus da Lapa, uma cidade do interior com grande turismo religioso e que é próxima a Paramirim.

De muitas maneiras, a fotografia é presente na vida até das pessoas que não se interessam por fotografia. Muito disso se deve aos álbuns de família, que guardam memórias de momentos considerados importantes, como as viagens que minha família católica fazia a uma cidade que recebe romarias de vários lugares do país.

Até o final dos anos 90, pelo menos, quem chegava próximo à igreja de Bom Jesus da Lapa era logo abordado por algum fotógrafo que oferecia serviço. Fotografava-se a família reunida, de ombros colados uns aos outros e olhares atentos para a câmera, que em menos de uma hora recebia as imagens reveladas em álbuns e monóculos.

Como ter essa foto era praticamente uma obrigação do visitante, minha família já considerava o fato antes de sair de casa e viajar por algumas horas. Por isso, a escolha da roupa era criteriosa. Ninguém queria arriscar não estar bonito no retrato.

Ali comecei a perceber que organizar a família para uma sessão de fotos é de alguma forma uma ocasião solene: escolher uma roupa bonita, ajeitar o cabelo, se arrumar, se preocupar em como vai aparecer em um momento que ficará guardado em casa e também será mostrado aos de fora.

Outra foto de família muito presente em minha memória é a de um grupo de pessoas paradas em frente à casa. Essa, minha avó fazia questão de fazer em todo final de ano, quando os filhos que moravam em outras cidades se encontravam para o natal. É um hábito antigo, posar em frente a propriedade para simbolizar um relativo sucesso da família.

Esse conjunto de fotos de alguma forma comprova a existência da minha família e a veracidade das histórias que minha avó contava, como quando ia no quarto buscar o álbum para mostrar minha semelhança com um tio que nem cheguei a conhecer, ou das características físicas que se repetem em todos os filhos e netos.



Meus bisavós e avós maternos em Bom Jesus da Lapa, arquivo da família das décadas de 50 e 60

Hoje, eu sou o único membro da família que é fotógrafo, mas nunca fiz nenhuma foto de meus avós, e todos já faleceram. Também não tenho hábito de fotografar meus pais, nem tios ou primos.

Este projeto preenche minha falta de aproximação com a fotografia de famílias, tão importante para o desenvolvimento do retrato fotográfico. Também marca o encerramento de minha trajetória na graduação. Por curiosidade, coincidência ou qualquer outra coisa, o tema da redação na UFBA quando eu prestei vestibular foi “As diferentes realidades da família brasileira”. Este trabalho final de alguma forma se encontra com a redação do início, só que agora não mais escrevendo, e sim fotografando sobre as diferentes realidades e as famílias brasileiras.

1. Famílias: disputas e (in)definições

Para o dicionário Aurélio de língua portuguesa, a palavra família significa “Conjunto de todos os parentes de uma pessoa, e, principalmente, dos que moram com ela”. O dicionário assim define, sem fazer distinção de quais parentes devem morar na mesma casa nem se necessariamente precisam ser pessoas de sexos opostos. Já para o presidente da república, Jair Bolsonaro, é importante se atentar à constituição, pois “lá está escrito que família é homem e mulher”, disse em uma edição do evento Marcha para Jesus, em matéria publicada pelo site UOL. “E mesmo mudando isso, como não dá para emendar a Bíblia, eu vou continuar acreditando na família tradicional”, completou o presidente.

Porém, apesar das crenças do presidente e seus seguidores, os dados oficiais apontam que a realidade segue por outro caminho. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2017, os números mostram que a configuração da chamada família tradicional – pai, mãe e filhos – passou de 58% para 42,3% entre as famílias no país.

Tendo apoio do Estado ou não, a sociedade atualmente também é composta em grande parte por mães e pais solo, uniões homoafetivas, casais sem filhos e outros arranjos familiares possíveis, que em soma já representam um número maior do que a composição familiar entendida como tradicional.

Os núcleos familiares se moldam de acordo com as mudanças de perspectiva das pessoas na sociedade, sem necessariamente esperar pela aceitação dos grupos resistentes às mudanças. De acordo com Dias (2015, p. 46), “a liberdade e a igualdade foram os primeiros princípios reconhecidos como direitos humanos fundamentais, de modo a garantir o respeito à dignidade da pessoa humana”.

Não basta a ausência de interferências estatais. O Estado precisa criar instrumentos (políticas públicas) que contribuam para as aspirações de felicidade das pessoas, municiado por elementos informacionais a respeito do que é importante para a comunidade e para o indivíduo (DIAS, 2015, p.52).

Essas mudanças na configuração familiar não aconteceram da noite para o dia. As transformações do mundo a partir da metade do século XX são fundamentais para

compreender os movimentos mais recentes. Da maior participação da mulher no mercado de trabalho à legalização do divórcio, vários fatores contribuem. Entre 2005 e 2015, o número de mulheres no comando dos lares subiu de 22,2% para 32,2%.

As mulheres atualmente são maioria em várias formas de arranjos familiares: na criação de filhos sem parceiro, na opção de morar só e no número de relacionamentos homoafetivos (ISTOÉ, 2018).

2.1 Por que fazer retratos de família

Um conjunto de fotos tiradas ao longo do tempo e expostas de várias formas acaba por contribuir com a percepção que a sociedade tem sobre aquela composição familiar. Assim, é possível dizer que os álbuns de família têm uma função social, uma vez que, para além da memória, também são usados para apresentar às pessoas, por exemplo, mostrando características físicas, semelhanças entre irmãos, a moda de uma época, valorização do patrimônio e também traçar uma árvore genealógica que de alguma forma atesta em imagens a existência daquela família pelo tempo e espaço.

Estes álbuns e este orgulho estão diretamente relacionados à percepção social do que é família. E a percepção mais difundida ao longo do tempo, por sua vez, não contempla todas as formações familiares existentes, já que historicamente o núcleo familiar hegemônico, composto por um homem, uma mulher e filhos, é apresentado como a única possibilidade de se constituir uma família.

Além da tradição católica europeia que influenciou muito o Brasil desde a chegada dos portugueses em 1500, o país viveu a ascensão de um regime totalitário extremamente conservador no início dos anos 60, período que também aconteceu a popularização dos aparelhos de televisão.

Com a TV, as novelas e os conteúdos de publicidade tiveram grande penetração na sociedade, e estes, em grande parte, eram estrelados por atrizes e atores representando famílias - ou até por famílias reais, normalmente em conflitos familiares ou em anúncios de itens domésticos, alimentos, opções de lazer e serviços de rotina do lar. De muitas maneiras, essa prática serviu para reforçar ainda mais a ideia de que existe somente um modelo de

formação familiar possível, já que nenhum material publicitário ou de entretenimento apresentava uma estrutura que fugisse do que era até então convencional.

Porém, só no Brasil, de acordo com o último censo, realizado pelo IBGE em 2017, 57,7% dos lares brasileiros possuem uma formação diferente do que se entende por família tradicional. Os arranjos familiares incluem pessoas que se unem tendo filhos de outros casamentos, uniões entre pessoas do mesmo sexo, três gerações da família sob um mesmo teto, pais e mães solo, casais sem filhos, entre outras possibilidades de formação familiar.

“Os últimos 60 anos foram cruciais para essa transformação. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a queda da taxa de fecundidade, a legalização do divórcio e a onda dos recasamentos provocaram mudanças estruturais no seio familiar, o que tem levantado discussões sobre o que é família.”
(Retratos - a revista do IBGE. Dez. 2017, p.17)

Considerando que os retratos de família cumprem a função de preservação da memória e também de legitimação das famílias no imaginário social, visto que a fotografia é uma forma de comunicação com grande difusão na sociedade, principalmente após as redes sociais, o projeto Retrato de Família procura fotografar diferentes arranjos familiares para, de alguma forma, contemplar de forma mais fiel as organizações familiares existentes na sociedade brasileira.

O projeto Retrato de Família mostra a pluralidade dos lares em um momento em que o país é governado por grupos que discutem frequentemente essa questão, adotando um viés que busca legitimar somente uma formação de núcleo familiar: marido, esposa e filhos. Por isso, para além de um viés ideológico de aceitação, que é propósito deste trabalho, o projeto Retrato de Família serve para tornar ainda mais visível o que já é constatado oficialmente pelo IBGE.

Um dos principais motivos para se ter um álbum de família é guardar ali registros relevantes para a história e também, de alguma forma, deixar evidenciada a passagem do tempo.

Essa transformação sofrida através do passagem dos anos foi motivadora de alguns projetos fotográficos, que se dedicaram a mostrar uma mesma família em diferentes anos.

Um dos projetos dessa linha é “Family”, do fotógrafo norte-americano Zed Nelson, que registrou mãe, pai e filho por 20 anos, de 1991 a 2001, evidenciando o crescimento da criança e outras transformações físicas e de estilo ao longo dos anos.



The Family, Zed Nelson

De muitas maneiras, as representações de família ajudam a entender o mundo, seja pela composição de pessoas ou pelo modo como vivem. Alguns trabalhos fotográficos se dedicaram a explorar possíveis narrativas do mundo a partir do cotidiano familiar.

O trabalho *Hungry Planet*, do fotógrafo norte-americano Peter Menzel, se propôs a retratar o que as famílias comem ao redor do mundo. O fotógrafo viajou por vinte e quatro países espalhados pelo mundo. Então, foi produzida uma foto em cada casa, com os membros das famílias cercados pelos alimentos comprados para serem consumidos em uma semana. No livro, as imagens são acompanhadas pelas informações de quantidade e preço dos alimentos.

Deste modo, além de ilustrar diferenças de hábitos alimentares entre as regiões, o projeto mostra também a desigualdade social do planeta a partir da alimentação das famílias.



Hungry Planet: What the World Eats, Peter Menzel, 2005

Retrato de Família atua com dois propósitos: o de fotografia para manutenção da memória familiar e também como manifestação política a partir da apresentação de famílias que fogem do modelo mais tradicional, tão presente na história da fotografia.

2.2. Os retratos e a História

O ato de representar as pessoas precede a invenção da câmera fotográfica em muitos anos. Desde a história antiga, por exemplo, “os egípcios acreditavam que apenas preservar o corpo não era bastante, mas que, se uma fiel imagem do rei fosse preservada, não havia a menor dúvida de que ele continuaria vivendo para sempre” (GOMBRICH, 1999, p. 58). Além do culto às esculturas em mármore que imortalizavam os reis no Egito, era utilizada também outra forma de perpetuar a existência de entes queridos, por exemplo na religião primitiva dos romanos, em que “um de seus costumes era transportar imagens em cera dos ancestrais nas procissões fúnebres. É quase certo que tal costume se relacionava com a crença de que a representação em imagem preservava a alma” (GOMBRICH, 1999, p. 121).

O ser humano sempre buscou registrar a si mesmo e suas atividades ao longo dos tempos. Os interesses iam desde uma suposta preservação da alma após a morte até a demarcação de lugar na sociedade. A partir do século XV, os pintores mais renomados da Europa começaram a se especializar na arte do retrato, o que serviu para aumentar ainda mais o interesse em ter a própria imagem gravada em uma tela. Estes retratos “serviram aos interesses de famílias, de parentes e também às ambições. O retrato era, de forma geral, considerado símbolo de status” (DORE, 1996, p.10).

Desde os tempos imemoriais o homem é fascinado por sua própria imagem e pela de seus semelhantes. Na antiguidade, os egípcios retratavam os faraós e seus séquitos em pinturas impressionantes nas paredes das sepulturas da realeza. Bustos, medalhões e moedas eram uma forma popular de pintura entre os romanos, em geral extremamente natural, que davam uma boa ideia de como as pessoas retratadas eram na vida real (DORE, 1996, p.5).

No final do século XIX, com a câmera fotográfica já conseguindo gravar as imagens em um curto tempo de exposição à luz, os retratos começaram a ser também uma modalidade popular da fotografia, cada vez mais desejada.

O negócio de retratos era feito para atender a uma demanda de autoridades da época, como pessoas famosas, políticos influentes e comerciantes bem sucedidos. Com a fotografia, se conseguia grande fidelidade da aparência por um custo inclusive menor do que o da pintura, que gerava desejo principalmente por ser a grande novidade da época.

Entre os fotógrafos mais conhecidos deste período está o francês Félix Nadar, “que fez avançar significativamente o potencial do retrato capturando aspectos da personalidade de seus modelos e evitando a postura rígida dos retratos anteriores” (SMITH, 2018, p.15).

Nadar optava por fundos lisos e sem elementos de cenário, fazendo com que as imagens tivessem certa crueza, levando a atenção inteiramente à pessoa retratada.

Com a popularização do retrato fotográfico, nota-se que as poses dos modelos são resultado da evolução de uma performance que acontecia nas sessões de pintura. Para ser registrado por um pintor, era necessário que o modelo ficasse por um tempo relativamente longo estático em uma mesma posição. Isso porque o artista obviamente precisava captar com precisão os traços da pessoa e a ação da luz sobre ela.

Com o surgimento da fotografia, as superfícies usadas para gravar a imagem também necessitavam de um tempo relativamente longo. Não tão longo como uma pintura, mas, ainda assim, um tempo que obrigava o modelo a permanecer estático em alguma posição.

Com o aperfeiçoamento das câmeras e filmes fotográficos, a imagem já conseguia ser registrada em uma fração de segundo. Porém, apesar dessa evolução, a performance de permanecer estático em frente a uma câmera fotográfica se manteve. Daí, as poses feitas por autoridades nos retratos da pintura acabaram se tornando referências de como se posar em uma foto, principalmente por entender que a imagem supostamente objetiva gerada pela câmera fotográfica carrega vários simbolismos e possibilidades de representação.

A estética da nobreza é responsável por uma das modas mais influentes e, principalmente a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia, “ela deleitou-se a dar o mais possível aos seus retratos um caráter principesco, pois os gostos da época eram determinados pela classe no poder, quer dizer, pela nobreza” (FREUND, 1986, p.12).

A busca por uma posição que deixasse o corpo aparentemente mais longilíneo, comum nas pinturas de Louis XV, ou o braço cruzado sobre o corpo nas aparições de Napoleão Bonaparte, por exemplo, ainda hoje se repetem em retratos de líderes pelo mundo.



Adolf Hitler, Heinrich Hoffman 1939 Louis XIV, Hyacinthe Rigaud, 1701 Louis XIV. Hyacinthe Rigaud, 1704

Nas imagens acima, a foto de Adolf Hitler, feita por seu fotógrafo particular, e a pintura de Louis XIV, feita quase 250 anos antes, se aproximam na tentativa de fazer o corpo parecer que tinha grande estatura. A escolha de pintar e fotografar por um ângulo de baixo para cima e com os braços fazendo curvas dão a sensação de um corpo mais longilíneo, que ajudava na construção da imagem de um líder mais imponente.

A produção de retratos não está dissociada do status que cada indivíduo ou família tem na sociedade. No período de surgimento e popularização da fotografia, era uma forma da classe social ascendente “tornar visível para si mesmo e para os outros a sua ascensão” (FREUND, 1986, p.25).

Na segunda metade do século XIX, estúdios de fotografia passaram a comercializar fotos de atrizes, políticos e membros da realeza como itens de coleção. A medida que os compradores iam acumulando uma quantidade significativa dos chamados *cartes de visite*, precisavam preservar o material colocando-os em álbuns, que inicialmente “foram projetados como livros encadernados, com páginas divididas em slots que exibiam a imagem fotográfica com segurança e também permitiu a organização das fotos” (LANGFORD, 2005).

Uma das principais personalidades a impulsionar o comércio dessas fotografias foi Napoleão III. “Em 1859, quando, no dia em que partia para a Itália (...) parou no estúdio de Disdéri, em Paris, para ser retratado. No dia seguinte, já havia filas na porta do ateliê fotográfico” (BRASILIANA, 2016).

Com a popularização maior da fotografia, os *cartes de visite* começaram a ser usados não só para colecionar imagens de pessoas famosas, mas também para enviar fotos de membros da família aos amigos e parentes que estavam distantes.

Nesse gênero fotográfico, o qual se destinava a produzir retratos de casais, crianças e famílias para enviar a parentes e amigos mais distantes, passou a padronizar poses e semblantes, enquanto a imagem recebia um tratamento superficial com usos constantes de mesmos fundos/cenários compostos por mesinhas, cortinas, vasos de flores, colunas. Esses novos movimentos foram responsáveis por trazer à fotografia uma maior penetração popular (VASQUEZ, 1983, p. 30).



Cartões de visita. Acervo do Instituto Moreira Salles

No início do século XX, com expansão e influência do cinema nas grandes cidades e, posteriormente, o surgimento da televisão, “o crescimento dos meios de comunicação de massa resultou no surgimento das celebridades, e a fotografia provou ser fundamental para moldar a imagem do indivíduo aos olhos do público” (SMITH, 2018, p.167).

Com a fotografia tendo grande penetração na sociedade e desempenhando um papel decisivo no imaginário das pessoas, o retrato se consolidou com uma forma capaz de apresentar uma personalidade perante o público. Os retratos, cada vez mais, se preocupam em mostrar as pessoas em uma posição que não precisa necessariamente corresponder à realidade, mas sim ao desejo da pessoa fotografada - ou de quem opera a câmera.

Retrato de Família em nenhum momento entende a fotografia como algo que busca espelhar a realidade, até porque a realidade pode ser compreendida a partir de muitos pontos de vista.

Neste projeto, a fotografia é algo construído a partir de uma vontade prévia na forma de apresentar as pessoas envolvidas no projeto.

Compreender a fotografia como uma ferramenta de reprodução da realidade é, segundo Rouillé, uma negação da “subjetividade do fotógrafo” (2009, p.161) e também uma negação da “escrita fotográfica” (2009, p.161) e das relações subjetivas que se estabelece com os modelos.

A chegada do Outro e do dialogismo ao centro do processo fotográfico constitui uma nova etapa na dinâmica que, há quase um quarto de século, conduz a fotografia do estrito documento à expressão. O Outro vem para finalizar o que ficou empenhado na imagem e no processo fotográficos com a emergência da escrita e a do sujeito (ROUILLÉ, 2009, p.178).

Desta maneira, o ato de trabalhar a realidade a partir da fotografia “não mais consiste em reproduzir o visível, mas em tornar visível” (ROUILLÉ, 2009, p.184).

O entendimento do Outro como parte ativa no processo fotográfico é fundamental para compreender a prática de retratos, principalmente de pessoas que se expõem sem nenhum fim comercial. Assim, “a fotografia dialógica não procura representar, registrar, captar aparências, mas exprimir situações humanas que ultrapassem amplamente a ordem do visível” (ROUILLÉ, 2019, p.183).

3. Retrato de Família: uma construção

Desde que passei a fazer parte do Labfoto, em 2014, decidi que queria fazer um trabalho de fotografias no TCC. Não necessariamente por ser o TCC, mas porque, a partir do Labfoto, passei a considerar a fotografia como minha principal forma de comunicação. Assim, penso a fotografia como um texto potente para expressar minhas opiniões sobre o mundo em diversos temas. Mesmo que eu não fotografe sobre todas as coisas, mas a pesquisa por quem faz me deixa cada vez mais próximo. Assim, comecei a ser também um grande consumidor de narrativas fotográficas.

Particularmente, sempre gostei de pessoas. Antes mesmo de gostar de fotografia. Então, fazer retratos foi uma escolha por afinidade: poder manter sempre contatos e conhecer histórias. Ou até criar histórias para as pessoas, como é comum em fotos de publicidade e moda, minhas maiores áreas de atuação.

Este projeto procura trabalhar nos dois campos: como memória e como forma de evidenciar a vida privada como um ato político, uma vez que existem discussões sobre a legitimidade de alguns núcleos familiares presentes na sociedade.

Para Freund, um dos traços principais da fotografia “é ser igualmente recebida em todos os estratos sociais (...) É nisso que reside a sua grande importância política” (1986, p.20).

No fotolivro, busquei apresentar uma sequência de fotografias que não atendessem ao que se entende por família tradicional, mas procurei manter uma estética convencional dos retratos, com fundos mais neutros, em preto e branco e com as pessoas paradas em pose para a câmera, como era comum entre os retratistas mais clássicos e como é mais visto constantemente pelo público.

O livro é construído por este diálogo entre estética tradicional e arranjos familiares que fogem à tradição - ou pelo menos à expectativa média.

Aqui, o retrato é entendido como algo construído, que necessariamente passa pela visão do fotógrafo e seus valores. Em nenhum momento a fotografia é encarada como uma ação imparcial de quem opera a câmera.

Na sequência de fotos, procurei mostrar as pessoas próximas, em contato físico e claras demonstrações de afeto, o que também é um discurso político.

Dentro dos retratos, sempre preferi as representações que buscavam engrandecer os personagens retratados, mesmo que eles não fossem nenhuma celebridade ou autoridade.

Entre os retratistas que desenvolvem essas representações que também busco, Platon é o profissional que mais me agrada. Faz uma fotografia constantemente em contra-plongée, com as pessoas bem próximas à lente. Opta por um cenário limpo, sem interferências que dividam a atenção com a pessoa fotografada.

Nas imagens de Platon, ele fotografa de muito perto, normalmente usando uma lente 35mm, como é mostrado no documentário *Abstract*, da Netflix, que tem um episódio sobre ele. Estar próximo das pessoas garante uma comunicação mais precisa e de alguma forma subjetiva deixa a fotografia mais íntima, pela real proximidade maior entre fotógrafo e modelo, por causa da lente grande angular.



The People's Portfolio, Platon

Nas minhas fotos, priorizei enquadramentos de meio corpo ou até mais fechados justamente para evidenciar a expressão das pessoas. Fotografei todas as minhas fotos em contra-plongée e também não usando lentes teleobjetivas. Usei uma lente zoom 18-105, que variava entre 35mm e 60mm.

Nas fotografias de Platon mostradas acima, há sempre um fundo branco iluminado, que não me agradou muito no meu projeto. Então mantive sempre um fundo mais acinzentado, afastando a luz ou fotografando contra uma parede já pintada de cinza. Outro recurso foi usar um tecido cinza com algumas manchas, provocando algumas texturas que me interessavam.

Outra grande referência que tenho para retratos é Annie Leibovitz, que opta justamente por montar fundos com lonas e tecidos, muitas vezes sobrepostos e até revelando alguns suportes e outras áreas que convencionalmente ficam de fora do enquadramento da foto.



Mark Zuckerberg e esposa; Natalia Vodianova e filho, Annie Leibovitz

A escolha por deixar algumas fotos com os suportes de fundo à mostra partem da ideia de revelar as estruturas e os materiais usados na imagem, que, em alguma conexão com a narrativa do trabalho, mostram formas que normalmente são deixadas de fora dos enquadramentos tradicionais nas fotografias.



Fotos que compõem o fotolivro Retrato de Família

Os retratos de família mais contemporâneos procuram mostrar as pessoas em situações mais cotidianas, às vezes em casa em atividades que simulam ignorar a presença de um fotógrafo profissional na cena. É o que se chama hoje de fotografia documental de família.

A presença do fotógrafo obviamente não é ignorada, por mais que se busque espontaneidade nas imagens. Mas a cena é pensada para parecer que não houve uma produção nem grandes preocupações para a sessão de fotografias.

As imagens feitas por Renato DPaula, especialista nessa modalidade bastante requisitada, seguem a linha de um fotógrafo que tenta parecer alguém que não interfere no cotidiano de uma família em sua casa.

Mesmo que haja uma preocupação evidente com a iluminação e também um trabalho de pós-produção, as fotos fazem parecer que as cenas não aconteceram para que a foto fosse tirada.



Fotografia documental de família, Renato DPaula

Em outros tempos - ou pelo menos em outro estilo de fotografia de família, a presença do fotógrafo era assumidamente uma atração.

Nas minhas memórias de quem cresceu em uma cidade pequena do interior, eram comuns os vários pedidos de opinião sobre se a roupa estava adequada para as fotos e, no caso de Paramirim, as reuniões de família para fotos no único estúdio do único fotógrafo da cidade: Zé da Foto.

Paramirim não é muito diferente dos outros lugares neste aspecto. Mesmo nos grandes centros, a presença do fotógrafo para a foto de família era uma ocasião solene que merecia uma produção para tal.

Nas décadas de 20 e 30, o fotógrafo Chichico Alkmim montou em Diamantina, interior de Minas Gerais, um estúdio que fazia, entre outras coisas, fotos de famílias mineiras.

Nas fotos de Chichico, uma atmosfera totalmente oposta ao documental de família mais contemporâneo. Aqui uma cena que acontece na direção do fotógrafo, que montou cenário e dispôs as pessoas de forma harmônica no enquadramento das imagens.



Famílias de Diamantina-MG, Chichico Alkimim, década de 20

Em Retrato de Família, a opção por manter uma estética aparentemente mais clássica vem de um entendimento de que o preto e branco, e esta composição um tanto mais rígida com as pessoas estáticas, figura mais no imaginário das pessoas como uma noção mais clara do tradicional retrato de família.

Entendendo que a formação familiar vai muito além do que se entende por família tradicional (homem, mulher e filhos), a escolha pelo clássico de alguma forma marca a

presença dessas famílias ao longo do tempo, uma vez que as referências de imagens clássicas fatalmente passam por fotos em preto e branco. O cinema, por exemplo, por mais de meio século não teve cores, e os trabalhos mais clássicos da fotografia documental e fotografia de moda, entre outros, também precedem as cores nos filmes fotográficos.

Então, reproduzir estes universos em preto e branco é uma forma de colocar essas famílias no imaginário mais convencional de família - e de fotografia.

3.1 Escolhas e diálogos com as famílias

Para escolher quais famílias iriam compor o fotolivro, parti de pessoas que eu já conhecia e também perguntei a pessoas próximas sobre alguns perfis de família que me interessavam, como casal de homens ou mulheres com filhos, mães e pais solo, avós e netos que moravam na mesma casa e irmãos que por alguma circunstância estavam distantes de outros parentes.

A partir daí, fiz contato por whatsapp ou instagram, expliquei o projeto e como seria a sessão de fotos.

Entre as pessoas convidadas, todas demonstraram interesse em colaborar com o trabalho e ficaram empolgadas com a possibilidade das fotos, porém, por indisponibilidade de horários para reunir toda a família para a sessão, algumas fotos acabaram não acontecendo.

Entre as pessoas que participaram do projeto, uma pergunta comum entre todas foi sobre que roupa vestir.

Como desde o início eu sabia que seriam fotos em fundo neutro, sem muitos elementos e em preto e branco, sugeri roupas sem estampas, de preferência preta, branca ou jeans, para ter um contraste mais bem definido nas fotos, já que não teriam cor.

Outra preocupação foi que as roupas se aproximassem em estilo. Pensei que não ficaria bom se um membro vestisse um traje social, por exemplo, enquanto outro usasse bermudas e camisas esportivas. Apesar disso, também considerei que os trajes em estilos diferentes poderiam fazer referência à personalidade de cada membro na família, o que também poderia ser interessante, mas ainda assim optei por uma uniformização maior entre as roupas, que me

agradava mais na foto, principalmente considerando que pessoas poderiam ver aquelas imagens sem acompanhamento de texto ou fora do produto original.

Um receio comum das pessoas é que elas poderiam não saber o que fazer durante as fotos, uma vez que não são modelos profissionais, nem tem necessariamente o hábito de serem fotografadas. Por mais que a fotografia esteja cada vez mais presente na rotina das famílias, com selfies e smartphones, uma sessão em estúdio é algo que foge do cotidiano.

Minha estratégia foi a mesma que adoto em todos os retratos que faço: encontrar assuntos de interesse das pessoas que vou fotografar e começar a conversar.

Para conseguir reações mais espontâneas nas fotos, era comum fazer perguntas que ativassem alguma memória de situações que tivessem gerado alguma relação entre os parentes: perguntava à mãe se a filha dava trabalho na escola, ao casal se tinha ciúme, aos irmãos se eles já brigaram etc. Mesmo numa sessão de fotos posadas, esses momentos espontâneos também interessavam.

3.2. No estúdio

Fazer as fotos em estúdio foi uma das primeiras decisões que tomei no projeto. Por várias razões.

É um ambiente que já tenho bastante familiaridade, onde realizo quase todos os meus trabalhos comerciais. É também mais fácil de manter uma unidade entre as fotos, que poderia se perder se houvesse um cenário diferente para cada família.

Outro critério para a escolha do estúdio foi pela logística. Usar iluminação 100% artificial ajudou no planejamento, já que as fotos poderiam ser agendadas em qualquer horário.

Das nove famílias que compõem o livro, fotografei cinco no estúdio da Facom, duas na minha casa e outras duas na casa de Marlon Júnior, um dos personagens do livro.

Nas imagens feitas na Facom, utilizei como fonte de iluminação uma tocha Atek e um difusor octabox de 180cm. Nos outros lugares que fotografei, por conta da portabilidade do

equipamento, utilizei um flash Nikon SB800 e uma sombrinha refletora com tecido difusor, de 120cm de diâmetro.

A luz foi sempre posicionada em alguma diagonal, para gerar alguma sombra em um dos lados do rosto das pessoas e realçar os volumes, dando uma sensação maior de profundidade.

É um recurso clássico de retratos: posicionar o modelo na diagonal oposta à fonte de luz, pedindo para virar a cabeça levemente para o centro. Isso faz com que a luz não ilumine uniformemente os dois lados do rosto, aumentando a sensação de tridimensionalidade - ou deixando o rosto menos chapado, como é comum dizer.



Autorretrato de Rembrandt, 1660
2019

Jules Verne, Félix Nadar, 1878

Rita Monteiro, Dudu Assunção,

Nas minhas produções, optei por luzes levemente mais centralizadas que as das referências acima, e também muito difusas. Em algumas fotos, usei rebatedor para não ter sombras tão marcadas nem os relevos da face tão evidenciados.

Em todas as fotos, a câmera utilizada foi uma Nikon D7100 com lente 18-105.

Como em todas as fotos foi usado equipamento de iluminação artificial com potência controlada, as configurações da câmera eram pensadas para garantir o máximo de foco e nitidez na imagem: ISO 100 e aberturas intermediárias no diafragma, variando entre f/8 e f/11.

3.3. Seleção e tratamento

Antes de decidir as fotos que iriam compor o livro, me preocupei em fazer um primeiro filtro com imagens em que as pessoas estivessem bem. Entendo por estar bem na foto a pessoa que pareça à vontade em estar ali.

Quando fotografei, já considerei fazer uma narrativa em que membros da família fossem aparecendo pelas páginas. Então, me preocupei em ter boas fotos individuais e coletivas.

O tratamento em preto e branco foi basicamente o mesmo em todas as fotos, com as configurações copiadas e coladas no Lightroom.

Os ajustes individuais foram de tratamento de pele, feito em algumas fotos, em remoção de algumas espinhas do rosto.

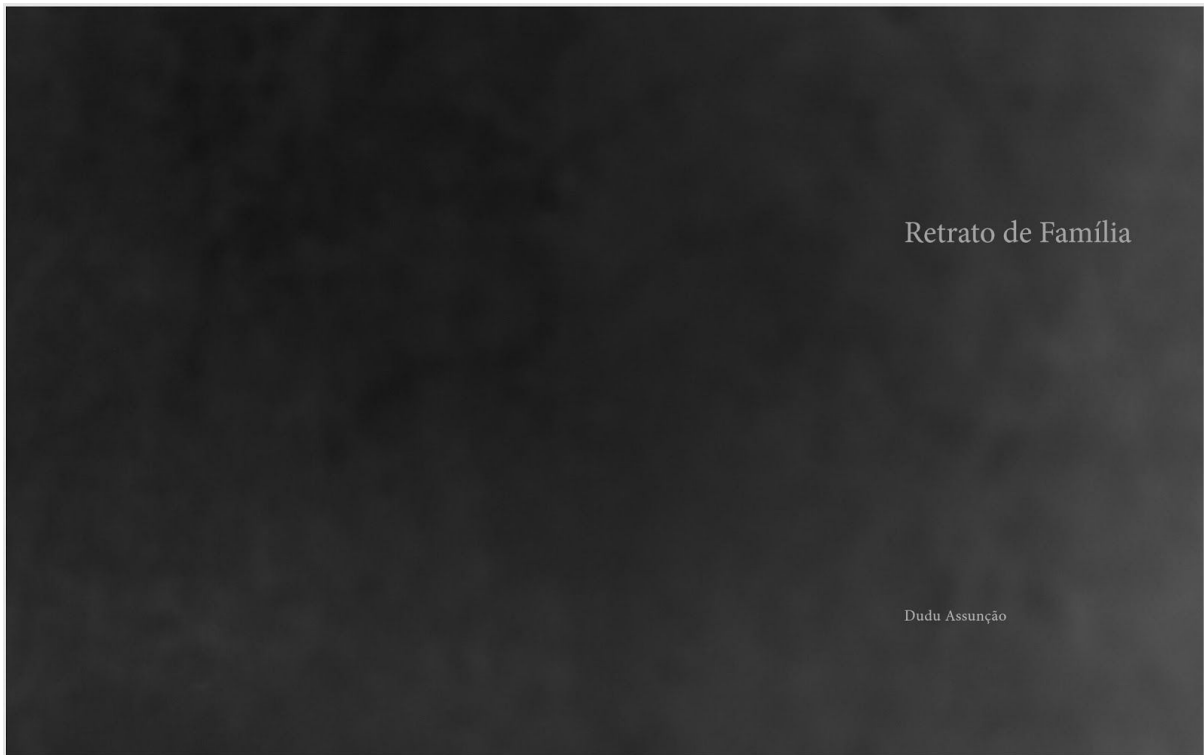
4. O Fotolivro

Fazer um fotolivro foi a melhor estratégia, no meu entendimento, para construir uma narrativa com a sequência de fotos. É um produto prático para circular e também remete aos álbuns de família que as pessoas normalmente têm em casa.

O título “Retrato de Família” aparece no singular, mesmo fazendo referência a várias fotos de várias famílias. Apesar da pluralidade, todas as pessoas se unem na condição de família. Achei importante marcar essa unidade mantendo o título no singular. Apesar das diversas formações, todas são família.

Pelas páginas do livro, as fotos variam de proporção e tamanho, e esses diferentes formatos na imagem de alguma forma dialogam com os diferentes tamanhos e formatos de família. A proporção 4x5 é a que mais se repete, por ser um formato mais convencional para retratos, usado nas câmeras de grande formato e também adotado no feed do Instagram.

A imagem que aparece na capa e contracapa é uma foto do tecido que foi usado como fundo em alguns retratos. Pendurei e fotografei, deixando-o levemente desfocado, para não evidenciar algumas texturas da malha.



Capa e contracapa do livro Retrato de Família

4.1. Sequência de páginas, texto e diagramação



O livro procura envolver o leitor a partir da expectativa gerada com o passar das páginas. As pessoas não são apresentadas e vão aparecendo nas fotos a medida que o livro

avança. Assim, quais membros formarão a família é uma informação a ser descoberta com as fotos.

Nas duas primeiras páginas com imagem aparece uma mulher e um homem, após a capa que diz “Retrato de Família”. A primeira expectativa é que eles formem um casal, o que é desconstruído nas duas páginas seguintes, em que a mulher aparece com sua esposa e o homem com seu marido.

Assim, o livro vai se revelando, com as famílias se compondo de diversas maneiras.

No final da primeira sequência de fotos, com dois casais, vem o único texto de apresentação:

“Toda família existe à sua maneira, feliz ou infeliz no almoço de domingo ou no jantar. É um conjunto de pessoas que tem a chave da mesma casa, que briga vendo o jornal ou chora durante a novela ou faz planos para talvez não cumprir no final do ano. Toda família tem afeto. E alguns desafetos, por que não? O Brasil não tem uma única cara, apesar de haver no país um forte discurso em defesa da suposta família tradicional, composta unicamente por pai, mãe e filhos. Mas, de acordo com os dados oficiais do IBGE, mais da metade das famílias no Brasil tem outro arranjo: mãe solo, relações homoafetivas, pai solo, avós e netos na mesma casa, reorganizações após divórcios, entre outras formações possíveis que não cabem em uma única definição, nem nas páginas de um livro.”

O texto parte de uma frase famosa de Leon Tolstói: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. Daí achei interessante manter que cada família existe à sua maneira, as tristes e as felizes.

Essa apresentação sem uma carga muito grande de informação é para deixar o livro mais leve, com as grandes explicações sendo feitas pelas próprias fotos.

5. Considerações finais

A sensação que mais me acompanhou durante o processo foi que eu precisava de mais pessoas para completar o livro. Isso desde a primeira família fotografada. Até que comecei a perceber que ainda que eu fotografasse muito mais, não conseguiria contemplar todas as formações possíveis, inclusive porque essa tentativa iria contrariar meu discurso de não enclausurar a formação familiar em uma definição limitadora.

Então, este projeto é considerado o início de um trabalho, que certamente vai ser continuado e, com as novas execuções e amadurecimento das ideias, pensado para novos formatos e mais maneiras de construir narrativas fotográficas que de algum modo contribuam com a percepção das pessoas sobre o mundo.

O TCC, embora seja encerramento da graduação, é mais um ponto de partida que de chegada. Com “Retrato de Família”, das leituras à execução das fotos, atuei em dois segmentos que não costumo: o de fotografar famílias e o de pensar projetos fotográficos. Isso serviu para expandir as possibilidades de pensar minha carreira e também em como a fotografia é um meio potente para contar histórias e dialogar com o público.

Um grande fator motivador foi que as famílias ficaram empolgadas com a possibilidade de fazer fotos e depois ainda mais animadas quando viram os resultados.

Apesar do fácil acesso e da abundância de fotografias nos dias de hoje, um retrato de família clássico, feito por um fotógrafo profissional, como se fez ao longo da história, ainda povoa o imaginário das pessoas e coloca a fotografia como uma ferramenta para preservação da memória e apresentação daquele grupo de pessoas enquanto família, seja em quadros, álbuns ou publicações em redes sociais, e esse certamente foi o principal propósito do trabalho.

6. Referências

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias**. 10ª Edição. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 2015.

DORE, Helen. **A arte dos retratos**. Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. Tradução Pedro Miguel Frade. Lisboa: Vega, 1986.

GOMBRICH, E. H. J. **A história da arte**. 16. ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

ISTOÉ. **O retrato da nova família. 21 de jan. de 2016**. Disponível em <https://istoe.com.br/247220_O+RETRATO+DA+NOVA+FAMILIA/> Acesso em 01 de nov. de 2019.

MindMiners. **Como se comunicar com todas as famílias?**. 12 de jun. de 2019. Disponível em <<https://mindminers.com/blog/comunicacao-com-todas-as-familias/>> Acesso em 01 de out. de 2019.

Retratos - a revista do IBGE. **Novos arranjos familiares**. 2017. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf> Acesso em 28 de out. de 2019.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. Senac São Paulo, 2009

SMITH, Ian Haydn. **Breve história da fotografia: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas**. Tradução Edson Furmankiewicz. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

UOL. **Bolsonaro: família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia**. Brasília, 10 de ago. de 2019. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/10/bolsonaro-familia-e-homem-e-mulher-porque-esta-na-constituicao-e-na-biblia.htm>> Acesso em 04 de nov. de 2019.

VASQUEZ, Pedro. **“Olha o passarinho”! Uma pequena história do retrato.** In FREYRE, Gilberto; PONCE DE LEON, Fernando; VASQUEZ, Pedro. O retrato brasileiro: fotografias da Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920, Rio de Janeiro: Funarte/Núcleo da Fotografia, Fundação Joaquim Nabuco/Departamento de iconografia, 1983.